

1. Material do Exame

A Parte Escrita compõe-se de um Caderno de Questões, que contém os enunciados das Tarefas e uma folha de rascunho para cada Tarefa, e de um Caderno de Respostas. Verifique se eles estão completos. Ao concluir a Parte Escrita, devolva os dois cadernos aos aplicadores.

2. Identificação

Confira seus dados e assine seu nome **apenas na capa do Caderno de Respostas**.
Atenção: as demais páginas não podem conter nem seu nome nem sua assinatura.

3. Tempo

A duração da Parte Escrita do Exame é de **3 horas**, assim distribuídas:

Tarefa 1 (vídeo): **30 minutos**, incluída a exibição do vídeo;

Tarefas 2 (áudio), **3 e 4** (textos escritos): **2 horas e 30 minutos**, incluídos o áudio da **Tarefa 2** e a leitura dos textos escritos das **Tarefas 3 e 4**.

Se você não terminar a **Tarefa 1** no tempo indicado, poderá voltar a ela no decorrer da Parte Escrita.

4. Instrumentos de escrita

Os textos devem ser escritos com **caneta de tinta preta**. Rasuras só serão aceitas se não dificultarem a leitura do texto. Os textos que apresentarem uso de corretivo ou que tiverem sido escritos a lápis **serão anulados**.

5. Rascunhos

Os rascunhos deverão ser feitos nas páginas 3-5-7-9 do Caderno de Questões.

6. Legibilidade dos textos

Os textos devem ser escritos com **letra legível**.

7. Espaço para os textos

Os textos deverão se limitar aos respectivos espaços reservados no Caderno de Respostas. Textos escritos no Caderno de Questões, em folhas trocadas do Caderno de Respostas ou no verso dos espaços reservados no Caderno de Respostas **não serão avaliados**.

EDIÇÃO
2025/1



Página 5

Tarefa 2 | RASCUNHO

A large rectangular area with horizontal lines, intended for writing a draft. A large, light gray watermark reading "RASCUNHO" is oriented diagonally across the page.

Tarefa 3

Nota Musical que Salva

Você é um(a) ex-aluno(a) beneficiado(a) pelo projeto de música da organização não governamental (ONG) *Uma Nota Musical que Salva*. Após ler a reportagem, você decidiu solicitar apoio financeiro para a ONG. Escreva um e-mail ao prefeito da cidade, apresentando o histórico da ONG e algumas de suas conquistas.

Uma nota musical que salva

Cansada de ver crianças vítimas do tráfico em João Pessoa, Lauriceia Rodrigues fundou a ONG Uma Nota Musical que Salva

Em 2007, a funcionária pública Lauriceia Rodrigues, 43 anos, perdeu seu sobrinho para o *crack*. Na época, morando em Mandacaru, na periferia de João Pessoa, ela oferecia sopa aos moradores da região na garagem de sua casa. Ouvia histórias de mães cujos filhos estavam envolvidos com drogas, mas, até então, achava que já fazia a sua parte. Quando a tragédia atingiu a sua família, ela decidiu repensar a questão. “Estava enxugando gelo com o sopão, não resolvendo um problema”, afirma. Mas como ajudar de fato? “Criança fora da escola precisa de ativida-

de.” Garotos na rua são mais facilmente aliciados por traficantes, pensava. “Quem não quer ganhar o tênis da moda, o último celular?”.

Foi então que Lauriceia começou um “trabalho de formiguinha”. Em 2010, fez uma rifa para comprar violões e ensinar música às crianças. Terminou com sete instrumentos. Em 2011, criou a ONG Uma Nota Musical que Salva, também na garagem de sua casa. Hoje, ela atende a 55 alunos de 4 a 17 anos. A única obrigação é estarem no ensino fundamental.

Se alguém chega sem sapato, Lauriceia logo busca um tênis. As crianças se alimentam na ONG e muitas vezes pedem para entrar fora do horário de aula. “Elas veem a minha casa como um segundo pouso”, conta. Nesse segundo pouso vivem Lauriceia, seu marido, José Severino Silva, 42, e a filha, Adassa Ester, 10 – que tem o saxofone como instrumento preferido. “Aqui entra quem quer. E o que eu sirvo para a minha filha, ofereço para todos”, diz.

Nesses anos de ONG, Lauriceia já colhe frutos. “Você não sabe a felicidade que é ver um garoto que estudou música com a gente trabalhando com carteira assinada”,

emociona-se. E isso, garante Lauriceia, é o maior “pagamento”.

Na comunidade, o clima é de confiança: a maioria das mães entrega seus filhos de olhos fechados, mas há quem o faça por falta de paciência. “Explico para aquela criança que ninguém dá o que não tem. Se a mãe não sabe cuidar dela, é porque ninguém fez isso por ela.”

Com esse jeito, duro, mas delicado, Lauriceia – ou tia Lau, como é chamada pela garotada – conquistou a todos. “A Lau ajuda a gente não só nos momentos bons, cuida mesmo dos alunos daqui”, conta Julia dos Santos, 14, fã de violino.

Tanto é que ela nunca cansa de entreter a criançada. Há cerca de dois meses, a Nota Musical passou a oferecer também aulas de capoeira.

A ONG é mantida por doações de empresas e da comunidade. Lauriceia usa parte de seu salário como fiscal de limpeza urbana e vende trufas para pagar despesas. “Aqui, todos são meus filhos. Faço tudo por essas crianças.”



Foto: Nino Andrés

Tarefa 4

Eu mereço

Após ler o texto *Meu filho, você não merece nada*, escreva uma carta do leitor para a revista em que ele foi publicado, expondo a sua opinião em relação à tese defendida pela autora e discutindo os principais exemplos apresentados no texto.

Meu filho, você não merece nada

A crença de que felicidade é um direito tem tornado despreparada a geração mais preparada

Há uma geração de classe média que estudou em bons colégios, é fluente em outras línguas, viajou para o exterior e teve acesso à tecnologia. Uma geração que teve muito mais do que seus pais e cresceu com a ilusão de que a vida é fácil. Ou que já nascem prontos – bastaria apenas que o mundo reconhecesse a sua genialidade. Quando isso não acontece – porque obviamente não acontece – sentem-se traídos, revoltam-se com a “injustiça” e boa parte se emburra e desiste. Foram ensinados a pensar que merecem, seja lá o que for que queiram. É a geração do “eu mereço”, que cresceu na ilusão de que a felicidade é uma espécie de direito.

Eu tenho testemunhado a angústia de muitos pais para garantir que os filhos sejam “felizes”. Pais que fazem malabarismos para dar tudo aos filhos e protegê-los de todos os perrengues – sem esperar nenhuma reciprocidade. Pais e filhos têm pagado caro pela crença de que a felicidade é um direito.

É como se os filhos nascessem e imediatamente os pais já se tornassem devedores. Para estes, frustrar os filhos é sinônimo de fracasso pessoal.

Nossa classe média parece desprezar o esforço. Prefere a genialidade. O valor está no dom, naquilo que já nasce pronto. Dizer que “fulano é esforçado” é quase uma ofensa.

Se os filhos têm o direito de ser felizes simplesmente porque existem – e aos pais caberia garantir esse direito – que tipo de relação pais e filhos podem ter? Como seria possível estabelecer um vínculo genuíno se o sofrimento, o medo e as dúvidas estão previamente fora dele? Se a relação está construída sobre uma ilusão, só é possível fingir.

Aos filhos cabe fingir felicidade – e, como não conseguem, passam a exigir cada vez mais de tudo, especialmente coisas materiais – e aos pais cabe fingir ter a possibilidade de garantir a felicidade, o que sabem intimamente que é uma mentira porque a sentem na própria pele dia após dia. É pelos objetos de consumo que a novela familiar tem se desenrolado, onde os pais fazem de conta que dão o que ninguém pode dar, e os filhos simulam receber o que só eles podem buscar. E, por isso, logo é preciso criar



Eliane Brum



uma nova demanda para manter o jogo funcionando.

Seria muito bacana que os pais de hoje entendessem que tão importante quanto uma boa escola ou um curso de línguas ou um iPad é dizer de vez em quando: “Te vira, meu filho. Você sempre poderá contar comigo, mas essa briga é tua”. Assim como sentar para jantar e falar da vida como ela é: “Estou com dúvidas, estou com medo, estou confuso” ou “Não sei o que fazer, mas estou tentando descobrir”. Fingir que está tudo bem e que tudo pode significa dizer ao seu filho que você não confia nele nem o respeita, já que o trata como um imbecil, incapaz de compreender a matéria da existência. Agora, se os pais mentirem que a felicidade é um direito e que seu filho merece tudo simplesmente por existir, paciência. A vida vai mostrar a verdade. E aí não adianta choramingar, espernear ou gritar.

